

ALGUMAS CONSIDERAÇÕES ACERCA DO TEXTO, SUA EXPANSÃO E DOMÍNIO EM LINGUÍSTICA TEXTUAL

Ederson Henrique de Souza Machado¹

Introdução

Os fenômenos textuais ingressam essencialmente no âmbito epistemológico das ciências humanas na constituição de seus aspectos teóricos e metodológicos. Apresentamos neste artigo algumas considerações sobre a concepção de texto, e seu domínio dentro do escopo teórico da Linguística Textual. Percebe-se, para tanto, que a compreensão de texto se estende-se, a partir de contribuições de caráter pragmático e cognitivo, de um campo estritamente linguístico-formal para um campo atravessado pelos aspectos sociais, culturais e psíquicos. Com efeito, a Linguística Textual amplia seu domínio para um viés interdisciplinar.

O Texto através da Linguística Textual

Os paradigmas da Linguística Textual começaram a serem traçados a partir da década de 1960, constituindo-se através do desenvolvimento de três linhas teóricas, sendo elas: a análise transfrástica, gramáticas do texto e as teorias do texto.

O traço comum entre as três tipologias é ter o texto como objeto, no entanto, é o tratamento desse que as difere. Assim, a análise transfrástica ocupa-se das regularidades existentes além dos limites dos enunciados, sendo que as gramáticas do texto, visando superar as restrições dos fenômenos tratados pelas análises transfrásticas, buscou contemplar o papel do falante e sua competência linguística na produção e interpretação dos sentidos dos enunciados. Já nas teorias do texto o escopo das perspectivas passa a compreender, além da noção de texto, a noção de contexto pragmático, em que consiste nas condições de produção, recepção e interpretação que compõem o em torno do texto (FÁVERO; KOCH 1994).

Desenvolve-se, então, nos últimos anos, segundo Marcuschi (2008 p. 61) “uma postura textual discursiva em uma perspectiva sociodiscursiva.” Assim, para o autor a linguística textual se

¹ Graduando do Curso de Licenciatura em Letras Português-Inglês Universidade Tecnológica Federal do Paraná - Campus Pato Branco. Bolsista de Iniciação Científica 2009-2012, Atualmente é Bolsista Monitor de Análise do Discurso – edersonletrasutfpr@gmail.com

ocuparia das “operações linguísticas, discursivas e cognitivas reguladoras e controladoras da produção, construção e processamento de textos escritos ou orais em contextos naturais de uso” (MARCUSCHI 2008, p.73).

Com efeito, as concepções de texto e discurso – que se consolidam como aparelhos fundamentais dentro da perspectiva sociodiscursiva da linguística textual – disseminadas na produção bibliográfica possuem várias acepções, quais nem sempre aparecem claramente definidas. Não parece haver, contudo, necessidade para abrir uma dicotomia exaustiva e rígida entre os dois conceitos, uma vez que, uma noção é realmente próxima da outra na perspectiva tratada. Para tanto, pode-se fazer a marcação dos dois conceitos conforme a proposta de Fávero e Koch (2009).

Segundo as autoras a designação de texto serve a duas acepções; a primeira em sentido *lato* corresponde a qualquer tipo de manifestação da textualidade do ser humano, sob qualquer mediação semiótica. Já o discurso remete à linguagem verbal produzida no curso de uma interação, logo, o discurso se manifesta através do texto em sentido estrito. O texto, então, consolida-se por formar um todo semântico, “independente da extensão.” Dessa forma, o texto é “uma unidade de sentido, de um contínuo comunicativo contextual que se caracteriza por um conjunto de relações responsáveis pela *tessitura* do texto” (FÁVERO; KOCH 1994, p. 25).

A definição de texto nessa perspectiva não compreende unicamente os elementos linguísticos formais, que se consolidam de forma estável e invariável. O texto, segundo Marcuschi, o texto opera em planos enunciativos complexos que transcendem o funcionamento das regras fixas, pois, as perpassando estão as relações existentes entre os indivíduos. Isto é, como diz Marcuschi, “o texto se dá como um ato de comunicação unificado num complexo universo de ações alternativas e colaborativas” (MARCUSCHI 2008, p. 79).

A essa altura percebemos que a os estudos envolvendo texto interessam não só aos aspectos semântico-formais que enredam a circunscrição do objeto, mas também ingressam nas complexas relações acerca da textualidade, enquanto competência inerente aos sujeitos nas relações sociais.

A manifestação da textualidade ocorre, para Marcuschi (2008), no âmbito das relações cotextuais, que designam a articulação dos elementos no interior do texto e nas relações contextuais, que remetem às noções empreendidas com os elementos extrínsecos aos textos.

Nesse sentido, Marcuschi afirma que o texto não é um produto, mas um fenômeno, qual depende sua existência ao processamento feito por alguém em algum contexto. Por tanto, seus traços característicos dependem de sua realização sociodiscursiva, conduzidas cognitivamente e não de fatores imanentes. Logo, a coordenação sequencial dos elementos linguísticos “será um texto na

medida em que consiga oferecer acesso interpretativo a um indivíduo que tenha uma experiência sociocomunicativa relevante para a compreensão” (MARCUSCHI 2008, p. 89).

Com efeito, tomando o texto como fenômeno, torna-se relevante atentar para os elementos que realizam o seu processamento. Logo, três dispositivos são salientados por Koch (2010) em relação ao processamento sociocognitivo do texto, caracterizando-se em três grandes esferas cognitivas, correspondentes aos conhecimentos linguístico, enciclopédico e interacional.

Destarte, o conhecimento linguístico vincula-se às noções sobre os aspectos formais da materialidade linguística, ou seja, cabe a ele a seleção e organização dos elementos linguísticos gramaticais e lexicais de acordo com um “tema e/ou modelos cognitivos ativados” (KOCH 2010 p. 32).

O conhecimento enciclopédico enquanto fenômeno se relaciona a atividade cognitiva da memória. Incluem-se nessa esfera os conhecimentos sobre os fatos globais e os obtidos pelas experiências individuais. São, portanto, esses conhecimentos que permitem suprir algumas ausências de elementos formais das manifestações linguísticas (KOCH 2010).

Por sua vez, o conhecimento interacional remete às noções sobre as formas de interações mediadas pela linguagem. Essa forma de conhecimento se desdobra em quatro ramificações correspondentes aos conhecimentos ilocucionais, que permitem a inferência sobre a intencionalidade do autor; conhecimentos comunicacionais, que se referem às informações sobre a situação enunciativa para que o interlocutor possa reconstruir o sentido; conhecimentos metacomunicativos, referentes aos conhecimentos sobre as ações linguísticas para a condução da sequência de enunciados; e conhecimentos superestruturais que outorgam as noções sobre a estrutura genérica a que o texto remete (KOCH 2010 p. 32-33).

Em relação a como colocar cada um dos conhecimentos mencionados em prática há uma espécie de conhecimento procedural compreensivo das “práticas peculiares ao meio sociocultural em que vivem os interactantes, bem como o domínio das estratégias de interação,” logo como afirma Koch 2009a “o processamento textual é, portanto, estratégico,” em que se mobilizam estratégias do tipo cognitivas, sociointeracionais e textualizadoras (KOCH 2009a p.25).

Logo, o processamento estratégico depende do material textual e ideativo dos usuários da língua. Para tanto, as estratégias cognitivas são estratégias de uso do conhecimento, que estão relacionadas à intenção e domínio sobre o conhecimento do texto e do contexto, assim como os valores intrínsecos à formação do usuário, que o permitiram transcender a interpretação manifesta na superfície linguística do produtor do enunciado (KOCH 2009a).

Já as estratégias sociointeracionais dizem respeito às estratégias empregadas na condução da interação verbal na busca, pois, de um bom desempenho nos “jogos da linguagem” (KOCH 2009a).

A construção do sentido depende também da forma com que o usuário se organiza linguisticamente. De modo que essa organização depende das estratégias textualizadoras empregadas em relação ao encadeamento dos elementos linguísticos (KOCH 1996).

É importante ter em vista que o texto não se encerra nos limites dos elementos linguísticos, ou tão somente na atividade cognitiva subjetiva, mas ocorre como fenômeno comunicativamente relevante dependente de uma rede complexa de fatores ligada tanto ao cotexto quanto ao contexto, quais irão dar conta de transformá-lo. Assim, recupera-se o fator da inserção sociodiscursiva da textualidade. Para Marcuschi, a textualidade resulta de uma operação de textualização, sendo “o evento final resultantes das operações produzidas nesse processamento de elementos multiníveis e multissistemas” (MARCUSCHI 2008 p.97).

Para tanto, chega-se às contribuições de Beugrande e Dresser, acerca dos sete critérios de textualidade: coesão, coerência, situacionalidade, informatividade, intertextualidade, intencionalidade e aceitabilidade, enquanto os dois primeiros possuem ênfase na configuração linguística, os cinco seguintes possuem ênfase na situação comunicativa (KOCH 2009a).

Para Marcuschi (1983) os elementos que constituem a coesão são “aqueles que dão conta da estruturação da sequência superficial do texto” (*apud* KOCH 2009b). Ou seja, o conceito de coesão remete às construções dos sentidos decorrentes do encadeamento dos elementos linguísticos formais dispostos no interior do texto.

Já a coerência compreende o potencial de produção de sentido do texto, para tanto, empreende-se sobre esse conceito a noção interpretabilidade. Logo, a coerência não se restringe a superfície do texto, mas opera com as representações ativadas para que se organize o sentido global do texto e sua coerência. Assim, “a coerência é uma atividade interpretativa e não propriamente imanente ao texto. Liga-se, pois a atividades cognitivas e não ao código apenas” (MARCUSCHI 2008, p. 121).

A situacionalidade, por sua vez, pode ser observada na medida em que possui elementos que constituem fatores determinantes na elaboração de um texto, trata-se “do conjunto de fatores que tornam um texto relevante na situação comunicativa em curso ou passível de ser reconstruída.” No entanto, é necessário encarar também os aspectos performativos do texto sobre a situação, na qual o produtor reconstrói um mundo que nunca é igual ao mundo real (KOCH 2009a p. 40).

Sobre a informatividade são destacadas as relações de distribuição e previsibilidade da informação. A distribuição da informação diz respeito a informação que está sendo introduzida

sobre a informação já obtida, para tanto, salienta-se a importância de existir um equilíbrio entre a informação nova e a informação já consolidada, para que possa haver a ancoragem da primeira sobre a segunda. A previsibilidade do texto refere-se ao grau de redundância do texto, que ocorre em relação à quantidade de informação nova é dada menos previsível ao conhecimento já disposto (KOCH 2009a p.41).

No que tange à intertextualidade pode-se salientar a relação existente entre um texto, na rede significativa do sentido de outros textos. Marcuschi lembra que atualmente é consenso em admitir-se que não há texto concebido isoladamente, assim o texto é prenhe de diálogo com outros textos. Assim, a intertextualidade supõe “a presença de um texto em outro” (MARCUSCHI 2008).

A intencionalidade funda-se fortemente da intenção do produtor, a aceitabilidade compreende o modo com que o receptor reage ao texto. Nesse sentido, a aceitabilidade depende da aceitação da produção por parte do parceiro linguístico como um texto coeso e coerente (KOCH 2009a p.43), “veicular um conhecimento ou permitir cooperação (FÁVERO 1985 p.35). Nesse sentido Marcuschi (2008) menciona Beaugrand (1997) em que a aceitabilidade é um critério da textualidade que circunda o âmbito das questões pragmáticas e mostra-se estreitamente ligado a intencionalidade.

Marcuschi (2010) observa que, com base as reflexões de Beugrande e Dressler os critérios da textualidade poderiam ser observados como orientadas por quatro instâncias, sendo a coesão e coerência orientadas pelos aspectos textuais; a intencionalidade e aceitabilidade pelos aspectos interacionais; a informatividade pelo aspecto computacional e a situacionalidade e a intertextualidade pelo aspecto sociodiscursivo (MARCUSCHI 2010).

Contudo, Marcuschi salienta a importância do reconhecimento de que essa definição não deve afirmar-se como princípios de formação textual, tão pouco em uma dicotomia entre os elementos linguísticos e contextuais, mas podem ser encarados como aspectos cabíveis na ação de uma unidade significativa realizada, mediante a articulação dos fatores cotextuais no contexto social, histórico e cognitivo, o que por sua vez, ressalta que a compreensão dos fenômenos textuais segue um caminho de variadas determinantes, exigindo uma abordagem que parta de orientações múltiplas.

Considerações Finais

Dadas as considerações sobre as propostas teóricas, em linhas gerais, constituintes da Linguística Textual, verifica-se que com a introdução da noção de textualidade e seus respectivos

mecanismos como componentes determinantes na produção textual, a disciplina passa a compreender seu objeto, o texto, com maior complexidade. Para tanto, tem-se a necessidade de transcender os limites da própria disciplina e buscar contribuições em outras opções teóricas, como Koch (1997) pontua claramente quando menciona sobre o desenvolvimento da linguística textual. Para a autora:

“... a Teoria ou Linguística do Texto vai intensificando o diálogo que já há muito vinha travando com as demais Ciências do Homem, por exemplo, com a Filosofia da Linguagem, a Psicologia Cognitiva e Social, a Sociologia Interpretativa, a Etnometodologia, a Etnografia da Fala e, mais recentemente, interação social por meio desse objeto multifacetado que é o texto - fruto de um processo extremamente complexo de produção de linguagem, que traz em seu bojo as marcas desse processo e, portanto, as pistas ou chaves para a sua decifração, no jogo de produção de sentidos” (KOCH p.78 1997).

Referências

- FÁVERO, L. L. A Intencionalidade e a aceitabilidade como critérios da textualidade. *In: FÁVERO, L. L.; PASCHOAL, M. S. Z. (org.) Linguística Textual; texto e leitura*. São Paulo; PUC-SP, 1985, p. 31-38.
- FAVERO, L. L.; KOCH, I. G. V. *Linguística Textual: uma introdução*. 3º ed. São Paulo; Cortez, 2009.
- KOCH, I. G. V. *A Coesão Textual*. 21º ed. São Paulo; Contexto, 2009a.
- KOCH, I. G. V. Estratégias Pragmáticas de Processamento Textual, *Caderno de Estudos Linguísticos*, Campinas, (30): 35-42, Jan./Jun. 1996.
- KOCH, I. G. V.. *Introdução à Linguística Textual*. 2º ed. São Paulo; Martins Fontes. 2009b.
- KOCH, I. G. V.. Linguística Textual: retrospecto e perspectivas. *Alfa*, São Paulo, 1997, 41: 67-78,
- KOCH, I. G. V. *O Texto e a Construção dos sentidos*. 9ºed. São Paulo; Contexto. 2010.
- KOCH, I. G. V.; TRAVAGLIA, L. C. *A Coerência Textual*. 17º ed. São Paulo; Contexto, 2009.
- MARCUSCHI, L. A. *Produção Textual, análise de gênero e compreensão*; São Paulo: Parábola Editorial, 2008.
- MARCUSCHI, L. A. Gêneros Textuais; definição e funcionalidade, *In: DIONÍSIO. A. P., MACHADO, A. R.; BEZERRA M. A. Gêneros textuais e ensino*. São Paulo: parábola Editorial, 2010. p. 19-38.